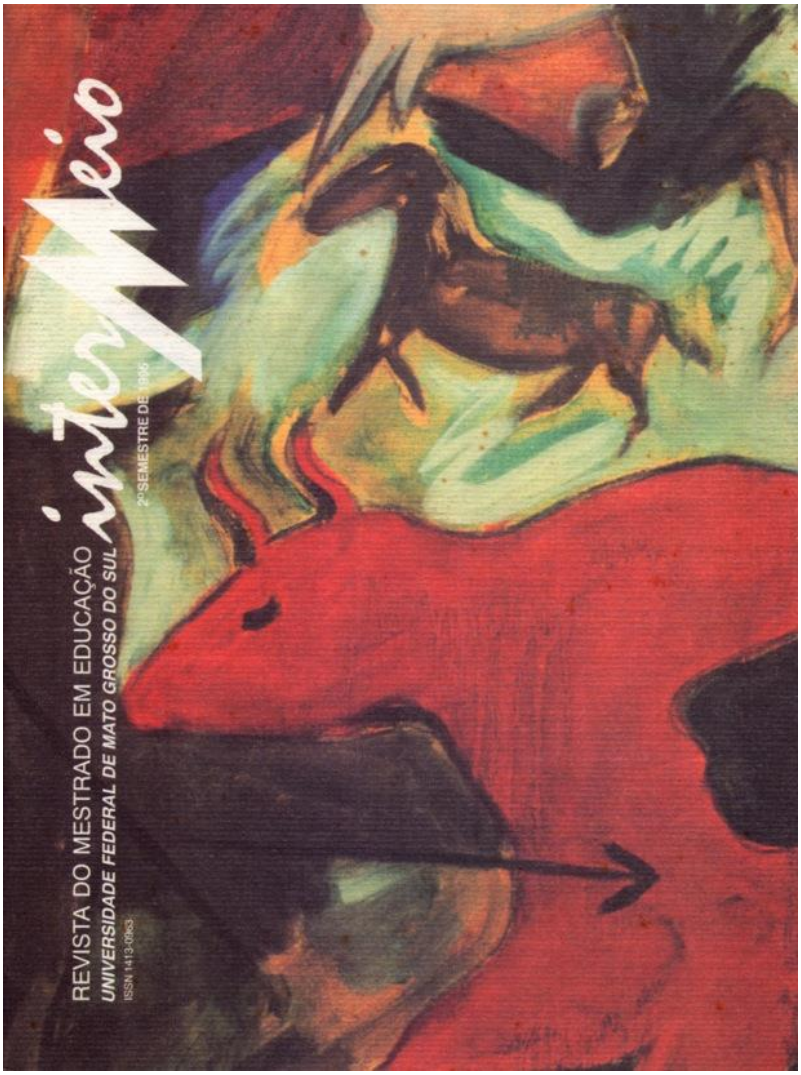
De Pueris: A Educação das Crianças

Erasmo

Encarte Especial (33-44), publicado *in* **Intermeio**. Revista do Mestrado em Educação. Campo Grande, MS, v. 1, n. 2, 1995. Tradução e Notas de Lígia Regina Klein[1] e Maria Auxiliadora Cavazotti[2]. Estudo Introdutório de Bernard Jolibert.



Capa da Revista

Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

https://icgilbertoluizalves.com.br

[1] Doutora em Educação pela PUC-SP. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

[2] Doutora em Educação pela PUC-SP. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

UM ESTUDO SOBRE A OBRA

DE PUERIS: A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

DE ERASMO*

Bernard Jolibert**

Tradução e notas
Lígia Regina Klein e
Maria Auxiliadora Cavazotti***

A obra central de Erasmo sobre a educação se intitula: "De Pueris statim ac liberaliter instituendis, libellus et novus et elegans", ou "Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis", título latino que Saliat[1] substitui apropriadamente por: "Déclamation contenant la manière de bien instruire les enfants dès leur commencement". A tradição a designa resumidamente sob o nome de "De Pueris", que parece adequado manter.

Este livro não se assemelha em nada, quer na apresentação, quer no estilo de argumentação, com os modernos tratados da ciência da educação. Sua forma é a de um "Discurso", isto é, um tratado prático destinado a servir de modelo ao exercício da oratória para aqueles que se destinam ao "combate no fórum". É um discurso de defesa que cultiva a arte da palavra e visa conquistar para esta mesma arte retórica.

A organização das idéias, a ordem progressiva dos argumentos, ordenados por graus de força persuasiva, a arte de reverter o argumento adverso, o uso constante da metáfora ou da fórmula combativa, as recapitulações, contradições sublinhadas, fórmulas de insistência, são igualmente traços retóricos que mostram que Erasmo procura nos apresentar habilmente um exercício advocatício sobre o mais clássico modelo isocrático.

Este discurso apresenta uma particularidade interessante. Ele toma por objeto a educação, no seu sentido mais geral. "Institutio" significa, com efeito, aqui, ensino, instrução; educação, quer dizer, tudo aquilo que permite instituir o homem na criança. O De pueris empreende metodicamente o panegírico da boa educação humanista. A "causa", no sentido jurídico, é a de fundamentar uma educação e uma instrução precoce da criança (statim) visando aquilo a que ela se destina: tornar-se um homem livre (ac liberaliter).

Vê-se então que, quando escreve De Pueris, Erasmo não pretendia redigir um tratado científico sistemático, mas antes construir um modelo de discurso de defesa sobre o tema da educação. Não cabe, então, admirar-se de um estilo de argumentação mais próximo da arte de seduzir oralmente que da colocação em forma dedutiva de resultados indutivos tirados da observação. Rigor, precisão conceitual, firmeza argumentativa não estão ausentes, mas somente voltados, embora de forma menos aparente, à causa da intenção retórica do advogado.

Quanto ao plano, Erasmo forneceu o resumo completo no início de seu livro. Ainda que Saliat o deixe de lado, parece interessante reproduzir aqui seu conteúdo. Erasmo anuncia ele mesmo o seu discurso:

"Se tu queres me entender, ou antes de tudo escutar Crisipo[2] - o mais sutil dos filósofos -, cedo cuidarás de formar teu filho nas boas letras, enquanto sua inteligência é ainda virgem de inquietações e de vícios, que sua idade é tenra e flexível, que seu pensamento é vivo, dócil e fiel às regras. Nada persiste tanto em nós, na velhice,

---

[1] O texto erasmiano, escrito originalmente em Latim, veio a público, pela primeira vez, em 1529, e logo após, em 1537, Pierre Saliat apresentava sua tradução para o francês. É esta tradução de Saliat que é reeditada pela Klincksieck, em 1990. (NT)

[2] Os princípios do pai do Estoicismo foram retomados e desenvolvidos por Plutarco na *De l'education des enfants*, como também por Quintiliano, cujo *Institution oratoire* é ilustrado com referências à pedagogia de Crisipo.(NA)

* In ERASME, *De pueris: de l'education des enfants*. Obra traduzida do Latim para o Francês por Pierre Saliat. Introdução e notas de Bernard Jolibert. Paris, Editions Klincksieck,1990.

** Bernard Jolibert, autor deste artigo que constitui a introdução da obra de Erasmo, na edição da Klincksieck, é renomado educador francês, autor de "L'Éducation au XX° siècle. Sources theóriques et problèmes de la pédagogie contemporaine" (1989), "Raison et Éducation. L'idée de raison dans l'histoire de la pensée éducative" (1987), entre outras. (NT)

*** *Lígia Regina Klein é professora assistente do Departamento de Educação, Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS, mestra em História e Filosofia da Educação e doutoranda em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP.*

Maria Auxiliadora Cavazotti é professora assistente do Departamento de Ciências Humanas, Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS,mestra em História e Filosofia da Educação e doutoranda em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP.

como aquilo que nos impregna quando ainda somos jovens.

Não te deixes, pois, influenciar por aqueles que repetem que nessa idade as crianças não são capazes de aprender as disciplinas de ensino, que não podem suportar a fadiga do estudo.

Primeiramente, a iniciação nas letras se assenta na memória, que é, como eu digo, excessivamente forte entre os mais jovens. Depois, visto que a natureza nos produziu a fim de conhecer, nós não podemos ser nunca muito precoces na aquisição de conhecimentos dos quais a natureza implantou certos germes em nós. Acrescente-se que entre esses saberes tão necessários aos adultos, há os que, seguindo a inclinação natural, são adquiridos mais depressa e mais facilmente na primeira idade do que mais tarde. Por exemplo o "a, b, c", o uso de línguas, os apólogos e as fábulas poéticas. Enfim, por que julgar inapta às letras uma criança que se estima capaz de receber uma instrução moral? Em que ocupar mais utilmente as crianças que sabem falar - pois que elas o fazem bem? Não é mais vantajoso, nessa idade, empregar-se na instrução que ocupar-se de bobagens?

Tu me retrucas que a vantagem que se retira de um conhecimento tão precoce é bem pequena. Mas por que desprezar como insignificante um trabalho que será proveitoso a longo prazo? Uma aquisição, por insignificante que pareça, é sempre uma aquisição. É de grão em grão que o acervo se forma; não cabe, pois, negligenciá-lo. Pensa ainda nisto: se um jovem aprende os rudimentos enquanto ainda é criança, ele poderá igualmente adquirir conhecimentos mais importantes quando adolescente. Enfim, assim ocupado ele estará ao abrigo de vícios que geralmente corrompem esta idade. Nada ocupa melhor e mais integralmente o espírito dos homens que o estudo. É preciso não menosprezar este benefício. Ademais, mesmo se um pouco de vigor físico se perde nesses trabalhos, o proveito do espírito o compensa largamente. Quando são mensurados, os esforços produzem uma inteligência mais forte; e se houver perigo de algum dano, nossa vigilância pode evitá-lo.

Em tenra idade a criança deve ser confiada a um mestre que a encoraje com doçura, não com crueldade. Esta é a época em que as crianças aprendem com alegria as coisas conformes a seu espírito infantil, e o fazem mais brincando que verdadeiramente trabalhando. Todavia, a infância não é tão débil, ela é capaz de suportar a fadiga quando dela não toma consciência.

Assim, se tu reconheces que não tem direito ao nome de homem aquele que é estranho às letras, que a existência humana é bem curta, que a adolescência se inclina facilmente para o mal, que a juventude é agitada e a velhice estéril - para aqueles raros que a alcançam - não permitas à tua criança, na qual, de qualquer modo, tu sobreviverás, deixar inculta nela a menor parcela capaz de receber a semente de uma existência futura destinada ao bem, ou, pelo menos, a evitar os males. "

Na leitura deste resumo do argumento se constata imediatamente que Erasmo aparece como um autor difícil de situar. Nem teórico da educação à maneira de Aristóteles - que apresenta uma exposição completa da psicologia e da teoria do conhecimento que lhe serve de fundamento -, nem metafísico como Platão, nem empiricista como seus contemporâneos Vives, Melanchton ou Sturm, que se engajam nas lutas políticas ou na direção de escolas, Erasmo se apresenta, antes de tudo, como alguém que, diferentemente, caberá com dificuldade nas classificações usuais da pedagogia.

Esta riqueza e esta vivacidade intelectuais aparecem no conjunto de sua obra educativa. Ele expõe suas idéias teóricas sobre as relações da alma e do corpo através de conselhos concretos, como em A Parturiente, colóquio que trata da necessidade do aleitamento e do amor materno, mas que põe imediatamente em jogo, por sua vez, a teoria aristotélica do conhecimento e a teoria médica da saúde. Ele desenvolve conselhos detalhados sobre a arte de assoar-se, de expectorar, através de um tratado sobre a civilidade pueril . Pode-se imaginar, hoje, algum digno especialista em ciências da educação, ou algum respeitável reformador da política escolar e universitária, passando alegremente da crítica do pronunciamento pseudo-ciceroniano à redação sonhadora de seus pequenos diálogos morais para crianças estreando no latim, como são os Colóquios[3]? Como associar, sem inquietação, os Adágios[4], verdadeira coleção de citações que preserva do esquecimento as verdades da sabedoria humana antiga, com um Elogio da Loucura[5], que parece precisamente denunciar as ilusões?

Erasmo parece incompreensível, algumas vezes. Talvez porque ele não é nem educador, nem psicólogo, nem sociólogo, nem historiador de idéias, ainda menos filósofo sistemático à maneira escolástica de seu tempo. Ele aparece, antes de tudo, como uma espécie de moralista no sentido que o século XIX dará a esta palavra. É um escritor que observa os costumes, delineia-os e comenta-os em função de considerações antes de tudo práticas, apoiando-se sobre os grandes modelos literários que se tornaram clássicos. Preocupado, antes, com a questão "que fazer?" que com aquela do conhecimento puro, Erasmo se interroga sobre os costumes dos homens, sua natureza, sua condição, e tenta responder humanamente às suas preocupações.

Jamais rigoroso, senão por ironia; menos ainda sistemático na teoria, ele suspeita do dogmatismo sob todas as formas. Contenta-se em operar um vai-e-vem

---

[3] Erasmo: *Les quatre livres des colloques*. Paris, 1934-1936.
Com o objetivo de constituir um manual de conversação para uso dos alunos, Erasmo escreve um conjunto de textos em forma de diálogo. Conhecidos como *Colóquios*, figuram, ao lado do *Elogio da Loucura*, entre suas melhores obras. Os mais importantes são *A Romaria, A Mendicidade, A Parturiente, A Inimiga do Casamento, A Cortesã, A Pedagogia* e *O Naufrágio*. Os primeiros *Colóquios* foram publicados em 1516. (NT)

[4] *Adágios* (*Adagiorum Collectanea*) é uma antologia de provérbios e citações latinas, considerada o primeiro modelo das coletâneas de frases e citações literárias que mais tarde passaram a ser largamente utilizadas pelas escolas. Erasmo publicou-a em 1500.(NT)

[5] Erasmo redige aquela que é considerada sua obra principal em apenas 7 dias, no período de 3 a 10 de julho de 1509, quando se encontrava hospedado em casa de Thomas Morus. Nesta ocasião, acabava de regressar de uma temporada na Itália, onde verificara, pessoalmente, o esgotamento da Igreja, então tomada pelos vícios, fraquezas e desmandos que, na verdade, impregnavam toda a sociedade. Ocorre-lhe, então, apresentar, sob a forma de sátira, uma crítica contundente àqueles que, detentores de funções expressivas na sociedade, chafurdavam no dogmatismo, na arrogância, na luxúria, na sordidez: juristas, filósofos, nobres, eclesiásticos, militares e negociantes. Reafirma, nesta obra, seu anseio por uma religião que opusesse, aos dogmas teológicos, uma doutrina cujas regras morais estivessem baseadas em motivos puramente humanos. (NT)

reflexivo da teoria à prática, clareando a segunda pela primeira, dando solidez e consistência à primeira pela segunda. J.C. Margolin utiliza, a este propósito, a feliz expressão de "teórico da pedagogia prática".

É verdade que o zelo dos costumes naquilo que eles têm de mais concreto, está presente sobretudo na obra educativa de Erasmo. Os Adágios e os Colóquios são não somente um repertório inesgotável de exemplos literários comuns, mas também constituem, certamente, uma sátira indireta dos costumes do seu tempo. Do De Ratione Studii, que traça as principais regras a seguir para dar a uma criança uma sólida instrução literária e gramatical, ao De Recta Pronunciatione, que inclui o estudo da natureza no plano geral dos estudos, passando pelo Manual do Cristão Militante[6], Erasmo não cessa de refletir sobre as questões educativas cotidianas, as mais diversas.

É possível concluir pela ausência de uma doutrina coerente? Deve-se deduzir, dessa orientação prática e concreta do pensamento erasmiano, uma recusa de toda reflexão teórica organizada? A existência do Elogio da Loucura, verdadeiro louvor à razão crítica contra a razão dogmática, bastará para se duvidar de uma tal assertiva. Longe de desenvolver a menor desconfiança acerca de uma reflexão abstrata, a obra de Erasmo, no seu conjunto, testemunha um cuidado filosófico constante. De Pueris fornece um exemplo singularmente convincente. Esta obra é, talvez, a mais metódica e a mais concisa, "senão a mais brilhante"[7] que historicamente foi elaborada sobre a educação. Diferentemente de De Ratione Studii, destinada sobretudo às crianças de dez a quinze anos, De Pueris se ocupa das crianças de pouca idade. Ela desenvolve, sobretudo, os princípios teóricos ao mesmo tempo morais e metafísicos que guiam o pensamento erasmiano.

Erasmo sabe melhor que qualquer um que toda educação, a mais inconsciente como a mais racionalmente elaborada, a mais utilitária como a mais gratuita, a mais afetiva como a mais tradicional, supõe uma concepção de homem que a atravessa de ponta a ponta e lhe serve de guia. De que se trata, com efeito, quando se ensina, senão de dispor os homens em função da idéia de um estado futuro de humanidade? A idéia "d'institutio" supõe inteiramente tal concepção. Não se institui o homem na criança senão em função de um ideal de humanidade. Assim, toda educação está sustentada num ideal filosófico que veicula mais ou menos lucidamente um modelo humano.

Do mínimo de educabilidade que define, pela diferença com as outras espécies animais, a humanidade nas crianças, condição a priori de toda educação possível, à perfeição sempre ideal de um modelo humano a alcançar, é sempre e sobretudo da humanidade que se há de tratar. Mesmo na pedagogia a mais infantilizante, é ainda uma visão ideal que esclarece a ação. Quer se tratasse de métodos, de procedimentos didáticos, de sistemas, de princípios, é pois suscetível de sempre procurar perceber, no seio das práticas e das teorias educativas, as concepções humanas que as orientam. Deste ponto de vista, deliberadamente filosófico, o De Pueris é uma obra exemplar. Ela define um humanismo educativo sem concessão a tudo aquilo que possa negar, refutar, obstar, perverter, desviar o homem de sua natureza essencial.

A FILOSOFIA HUMANISTA

Para além da sua forma jurídica no estilo declamatório, que pode surpreender o leitor moderno e da qual nós já falamos, distingue-se no principal tratado de Erasmo sobre a educação uma filosofia humanista explícita que possui uma coerência própria. Tentemos distinguir os princípios constitutivos que ressaltam esta coerência.

Stefan Zweig vê o ponto de partida desse humanismo do pensamento erasmiano, na indeterminação radical de seu próprio nascimento[8]. Desiderius (desejado) Erasmus (amor), como ele mesmo gostava de se chamar ironicamente, jamais conheceu seu pai. Era um filho ilegítimo. A data exata de seu nascimento e as circunstâncias que o acompanharam são duvidosas. Apenas se tem certeza de que ele nasceu em Roterdam, em 1469[9]. Como recorda, por sua vez, Huizinga[10], Erasmo não tem nem pátria nem família; seu nome é um nome emprestado; sua língua, uma língua secundária: o latim.

Este desenraizamento de origem talvez explique, em parte, a escolha essencial do humanismo erasmiano, escolha cuja expressão está no centro do De Pueris de forma lapidar: "Não se nasce homem, torna-se!" Para Erasmo, com efeito, o acesso real dos homens à humanidade não corresponde ao seu nascimento fisiológico. É preciso formar progressivamente o homem na criança. O acesso da criança à humanidade depende da educação, e o papel desta última é tão mais importante quanto mais próximo aquela criança está do embrutecimento.

É preciso, pois, preservar o natural da criança das influências perniciosas das amas, das madrastas, dos maus mestres. O colóquio A Parturiente evocará este cuidado. É preciso também fornecer à criança os alimentos positivos de sua humanização, juntando à sua natureza a essencial "nurture" dos ingleses, o alimento da educação, tanto no âmbito dos costumes e dos hábitos sociais, como na Civilidade Pueril, quanto no âmbito afetivo de exemplos e de modelos intelectuais do saber racional, objeto do De pueris. Como constata lucidamente J. C. Margolin: "Um homem é o filho de suas obras, e não o filho de seu pai, deste pai que o jovem Desiderius jamais conheceu, mas que todavia lhe causou mais desgosto que proveito."[11]

Expressa sob forma geral, esta preocupação caracteriza a posição erasmiana segundo a qual o homem se faz pela sua educação, ele se humaniza pela

---

[6] *Enchiridion Militis Christiani*, publicado em Antuérpia, em 1504, é uma obra em que Erasmo manifesta sua esperança numa religião mais humana, livre dos excessos místicos dos eclesiásticos ou do racionalismo estéril da escolástica. (NT)

[7] A. Benoist: Art. Erasme, in *Nouveau Dictionnaire de Pédagogie*. Buisson, p. 1561. Hachette. 1911.

[8] Stefan Zweig: *Erasme: grandeur et décadence d'une idée*. Grasset. 1935, p. 39.

[9] J. C. Margolin no seu *Erasme*, le Seuil, 1977, propõe para data de nascimento a noite de 27 para 28 de outubro de 1469. Seu pai, originário de Gouda, na Holanda, era um padre de nome Geert Praët. Sua mãe, Margarida, era filha de um médico de Zwenbergen. (NA)

[10] J. Huizinga: *Erasmus*. Haarlem, New York, 1929.

[11] J. C. Margolin: *De pueris*. Droz. 1966, p. 46.

sua história. Dizer que não se nasce homem, mas que se torna homem, significa claramente que nenhum plano determinado, definitivo, prévio, está assinalado para os homens, tomados como indivíduos ou como espécie.

Na esfera individual, história, trabalho, vontade, poder de decisão, influência do meio, educação, estão no centro da formação de si para si. Nenhuma hereditariedade, nenhuma essência marca o homem de maneira irreversível. Mesmo do ponto de vista da espécie humana, o vir a ser permanece aberto. Nenhum destino, nenhuma providência é inscrita previamente à nossa história. Os homens não se tornam homens a não ser por um trabalho de humanização que eles devem realizar sobre si mesmos.

Encontra-se aqui a inspiração do De Dignitate Hominis de Pico della Mirândola. O homem não tem nem lugar determinado, nem figura própria, nem hereditariedade particular. Ao mesmo tempo modelo, escultor e obra de si mesmo, ele é o autor de seu próprio destino. É ele que se dá a forma que lhe parece preferível. Compreende-se então porque Erasmo, e com ele toda a corrente humanista renovada, concede uma tão grande importância à educação. Se o homem "é" ao cabo do percurso de humanização, se a humanidade não está inteiramente consumada no início da existência, mas, ao contrário, no resultado, talvez jamais inteiramente alcançado, da ação que nós exercemos uns sobre os outros e sobre nós mesmos ao longo de toda a vida, então a educação passa ao primeiro plano. Condição necessária à humanização, ela aparece como capital e urgente.

Para Erasmo essa urgência se faz sentir nas três dimensões da pessoa humana.

Na dimensão do corpo, dos sentimentos, da inteligência, nós somos aprisionados espontaneamente na bestialidade. A educação aparece no início como uma forma de desalienação no que se refere ao imediatismo animal que constitui nosso estado natural.

A "institutio" visa, pois, primeiramente, a nossa liberdade possível no que se refere aos instintos imediatos, aos desejos tirânicos, aos impulsos não ainda educados. Enquanto meu corpo, meus gestos não estão disciplinados, eu sou um escravo. Entre a agitação incontrolável e a indolência incoercível, dois defeitos extremos da educação de si por si, a disciplina aparece como humanização do corpo tanto na dimensão individual como social.

Na esfera dos sentimentos, das emoções, adquire-se a cultura no contato com as artes e as letras e também com os outros homens. Caso contrário, permanece-se incivilizado. Entre o refinamento extremo que enfraquece a vontade e a brutalidade grosseira, a liberação estética requer a educação da sensibilidade das artes e a cultura da amizade. Esquece-se, seguidamente, que para Erasmo "o amor mútuo é o grande, o único preceito do Evangelho"[12]. O amor nos eleva, liberando-nos da imediatez possessiva da necessidade.

Na esfera do intelecto, um ser sem instrução permanece presa das opiniões, das ideologias flutuantes que atravessam o campo social. Delineiam-se, aqui, ainda, dois defeitos extremos que Erasmo denuncia: o misoneísmo, o medo de pensar e a recusa da reflexão abstrata, mas sobretudo este ser não instruído será presa da crença cega que conduz ao dogmatismo e ao fanatismo, denunciados com tanto vigor no Elogio da Loucura. A educação na reflexão crítica é a salvaguarda contra a cristalização do pensamento homogêneo e a pregação fútil dos modismos intelectuais.

Não há contradição entre a primeira preocupação de Erasmo em Civilidade Pueril, em A Parturiente e em De Pueris. "Institutio" aparece sempre como a marca indispensável pela qual os homens são arrancados ao imediatismo bestial, para se elevarem gradualmente na direção de um ideal humano. Educação, ensino, instrução, disciplina estão nos três textos vinculados a esse esforço de liberação: "ac liberater" compõe o título do De Pueris. Em qualquer instância que se possa tomá-la, a educação, em sentido amplo, é a condição necessária à humanização das crianças. Estas não poderão desprender-se dos determinismos individuais, institucionais, dos entraves sociais, das tendências naturais espontâneas, nem mesmo dirigir seus atos, senão educando-se a humanidade pelos costumes, pelo amor e pela instrução intelectual.

Erasmo não desconhecia nem as variações de hábitos e de costumes, nem a força das influências sociais. Consciente, ao contrário, do perigo que elas contêm, intenta sua superação num modelo geral de sabedoria aceitável por todos os humanos, tomando-os enquanto humanidade e não enquanto detentores de tal ou qual qualidade particular.

A questão que se deve pôr, então, é aquela do critério desta sabedoria que define a própria humanidade! Qual regra de conduta, qual modelo de comportamento permite distinguir o momento em que eu me encontro na via de sabedoria do momento em que dela me afasto? Como reconhecer a regra, ao mesmo tempo de prudência e de conhecimento, que define a sabedoria?

Erasmo responde numa voz constante: é preciso seguir a Natureza.

Mas como se representar esta Natureza e qual o lugar que é preciso lhe assinalar nos processos que constituem a educação? Esta última deve seguir alguma natureza decaída, deve copiar os desregramentos, realizar as potencialidades as mais diversas, na verdade as mais contraditórias, tomá-la por modelo ideal? A idéia de Natureza apresenta problemas quando é posta sob o ponto de vista da educação[13]. Ao não apoiar-se em nada além do que foi dito a propósito do humanismo de Erasmo, como conciliar a idéia de humanidade aberta, que se realiza ao fazer-se, com aquela de uma natureza, melhor dizendo, de uma ordem que se impõe pelo simples fato de sua própria necessidade?

A IDÉIA DE NATUREZA

Em De Pueris, a noção de natureza aparece em três momentos, não sem certa ambiguidade, o que poderá induzir a erro um leitor apressado. Além disso, a natureza individual da criança, primeira significação do termo, é algumas vezes apresentada por Erasmo como algo bipartido, composto ao mesmo tempo de elementos indóceis, que resistem à ação educadora humanizante, e de elementos mais dóceis que tornam a educação não somente possível mas ainda a ajudam

[12] *Manuel du soldat chrétien*. Trad. J. Pineau, p. 126.
[13] J. Ulmann: *La nature et l'Education*. Klincksieck, 1987.

na sua ação. Nosso princípio individual é, pois, duplo: nós estamos voltados ao mesmo tempo na direção da bestialidade imediata e na direção do desenvolvimento de uma intenção humanizante.

Existem, em cada um de nós, tendências individuais, qualidades próprias mais ou menos acentuadas - às quais Erasmo é sensível - e que fazem a originalidade de cada um. São essas qualidades que, mais ou menos acentuadas, nos tornam mais ou menos rebeldes ou dóceis à educação.

Isto significa que é preciso fazer preceder a ação educativa de alguma espécie de psicologia infantil com a finalidade de orientação ou de exclusão escolar? Erasmo refuta um tal precedente por duas razões. A primeira é precisamente psicológica: um tal conhecimento é impossível. Com efeito, cada criança possui uma natureza individual, original, diferente das outras. Ora, sabe-se não haver outra "ciência que não do geral", conforme palavras de Aristóteles. Isto significa que face à criança é preciso começar por ensinar, educar e instruir para perceber e revelar as potencialidades que fazem a natureza individual de cada criança.

Na esfera do "idion poïon" é a ação educativa humanizante que ajuda a natureza humana a emergir da natureza animal que a acompanha.

A esta confiança numa psicologia da criança precedente ao ato educativo, Erasmo opõe também uma razão sociológica. Quem pode saber à qual ocupação uma criança está destinada ao longo de sua vida? A não ser num sistema social totalmente cristalizado (aquele da Idade Média se vê abalado pela Renascença) não se saberá adaptar uma criança a tal ou qual função sem arriscar-se a ir de encontro a um desenvolvimento social que, em última análise, não se pode prever.

A educação é, pois, válida para todos, em primeiro lugar porque todas as crianças são diferentes umas das outras; depois, porque ela é necessária para transformar em ato aquilo que não é senão potência; finalmente, porque nada permite prever o vir a ser social desta potencialidade natural individual.

A esta dupla caracterização individualista da natureza individual, é preciso acrescentar uma concepção mais geral da natureza humana, concepção ligada, desta vez, à espécie e não ao indivíduo.

A natureza designa, então, o conjunto de atitudes inatas próprias da espécie humana. Ela não é mais aquilo que diferencia os indivíduos, mas, ao contrário, aquilo que compõe o conjunto dos traços que lhes são comuns, por oposição às outras espécies. A natureza é aquilo que é "próprio" do homem em geral. Como Erasmo dá conta desta questão?

A especificidade dos seres humanos é de nascer com um pouco de instinto e não com uma idéia inata de tudo. Do ponto de vista de sua teoria do conhecimento, Erasmo rejeita o empirismo de Aristóteles[14]. O espírito nasce virgem; o conteúdo de todos os nossos conhecimentos é o produto direto ou indireto da experiência. A educação aparece, pois, como a mediação necessária entre o ser, cuja natureza individual está já definida em potência, mas não realizada, e uma natureza humana à qual este indivíduo deve se submeter para ser conforme à sua essência geral de ser humano.

Esta é, pois, a natureza que cabe ao homem cultivar. Para isto, deve desenvolver este saber que não lhe é menos natural que a animalidade que subsiste nele. É a educabilidade que define a essência da espécie humana, por oposição às outras espécies animais. Certamente, há traços de educação na maioria das espécies e Erasmo é sensível à aprendizagem do canto com os pássaros e à arte da caça transmitida pelos gatos aos seus filhotes; mas é preciso considerar que subsiste nestas espécies um capital de instinto suficiente para salvar a espécie logo que nasce. Ao homem nada de semelhante lhe é fornecido de maneira inata. Donde as afirmações: "Natura nos ad cogitationem genuit" ou "Natura rationem desiderat", que Erasmo repete. É a educabilidade que institui o que é próprio do homem em geral. Na ausência dos instintos, é preciso aprender a pensar.

A educação não poderá ser, então, concebida como uma anti-natureza, mesmo se, para chegar a seus fins, deva usar os elementos individuais de docilidade contra os elementos indóceis, também individuais. Ela faz parte, ela mesma, da natureza geral da espécie que exige a sua realização.

É neste momento que aparece a terceira acepção da idéia de Natureza: como idéia geral servindo de modelo e de finalidade que a tarefa educativa deve perseguir. O conceito de Natureza torna-se o conceito regulador da filosofia erasmiana de educação. A Natureza é, então, a ordem que preside o conjunto dos fenômenos dos quais nós fazemos parte: a organização dos seres do universo submetidos a uma regularidade geral perceptível. Erasmo, ainda aqui, retoma a inspiração Aristotélica da regularidade do curso dos fenômenos[15], regularidade perceptível que poderá servir de modelo à ação educativa. A Natureza devolve a ordem geral da vida, do mundo, do universo, da qual o homem não deve se afastar se quer ser feliz ou, mais simplesmente, sobreviver.

Nesta esfera, o ideal educativo de Erasmo retoma inegavelmente aquele de uma boa Natureza que serve de guia à ação para orientar as escolhas. Saibamos observar e compreender como age a natureza, a fim de se tirar lições e modelos. "De Pueris" está repleto de exemplos, emprestados à observação da ordem animal e vegetal, que constituem nosso desenvolvimento.

A concepção erasmiana de educação decorre diretamente desta tomada de posição complexa a propósito da Natureza em geral e das naturezas singulares que são os homens. A educação, na sua visão moral, vislumbra como horizonte de seu desenvolvimento o ideal, a realizar, de uma humanidade ao mesmo tempo sábia e cultivada. Mas este fim geral da espécie não pode ser alcançado senão respeitando as naturezas individuais determinadas, mais ou menos dóceis ou rebeldes à humanização, e utilizando as potencialidades humanizantes contra as tendências alienantes da bestialidade. Estas últimas são naturais, é verdade, mas especificamente inadaptadas, e não essenciais àquilo que é próprio da espécie humana.

Como alcançar tal intuito senão tomando por modelo a ordem mesma da Natureza em geral, seu movimento próprio, a visão de seus princípios e daqueles que governam o lugar próprio do homem. Vê-se, en-

---

[14] Aristóteles: *De Anima*. III, 4, 429b30-430 al.

[15] Aristóteles: *De la génération et de la corruption*. II, 6, 33b7.

tão, que, para chegar a seus fins, a educação deve usar de artifícios. Começa, então, por compreender a dupla natureza individual dos homens que ela dispõe sob uma finalidade específica, guiando-se, na sua tarefa, a partir de modelos fornecidos pela observação da Natureza.

A educação não é, pois, jamais anti-natural. Não somente a Natureza aspira à educação da humanidade, mas a maior parte dos homens possui disposições, "forças potenciais" que os impulsionam para o saber. Este saber permite apoderar-se da ordem natural dos modelos reguladores para a condução da própria educação. Simplesmente, esta revelação interna humanizante não se faz espontaneamente. Muitas potencialidades indóceis, que são os sinais de nossa ligação com as outras ordens que não a ordem humana na própria natureza, nos atraem para a animalidade.

Daí a exigência erasmiana de uma educação e de uma instrução precoces da criança, traduzida no título da obra pelo termo "statim". O "institutio" deve começar desde o nascimento. Pode ser mesmo necessário considerá-lo desde a procriação. As disposições individuais naturais, mesmo sendo elas positivas, não serão suficientes. Se elas não forem desenvolvidas pelo exercício, permanecerão atrofiadas. Compreende-se melhor, agora, porque Erasmo, quando define a educação, não opõe jamais a natureza ao exercício. A boa natureza da criança não se revelará senão sob o exercício de uma boa educação que a oriente para a humanidade.

Mas, então, uma questão se põe quanto à própria orientação desta educação. O que define a educação humana na sua especificidade? Em função de qual finalidade se orienta o exercício? Existem disposições naturais boas ou más em todas as espécies, e o animal, tanto quanto o homem, desenvolve também suas qualidades pelo exercício. Em que direção original o educador deve orientar sua ação para que o exercício atraia a natureza individual para um conteúdo especificamente humano? A idéia de educabiblidade não é mais suficiente, aqui.

No homem, aos dois primeiros níveis que são a Natureza e o Exercício, é preciso acrescentar uma terceira dimensão para que o conceito de "institutio" seja completo: a da Razão. É esta que constitui, por sua vez, o método e o objetivo da ação educativa.

A RAZÃO

Definindo a humanidade na sua própria especificidade, a razão, diferentemente da boa natureza individual e do exercício repetitivo, compreende a constituição de saberes organizados. Para Erasmo, a razão combina, associa, dissocia idéias; ela é essencialmente uma faculdade combinatória.

Erasmo retorna, aqui, ao mesmo tempo, a Aristóteles e Cícero[16]: "A razão, que nos torna os únicos superiores aos animais, pela qual nós argumentamos, refutamos, dissertamos, concluímos, é certamente comum aos homens."

Mas a razão é também, desde agora, a faculdade de bem pensar, quer dizer de conduzir os pensamentos numa ordem, permitindo atender à retidão do julgamento e à correção da conduta. "Os cavalos nascem cavalos, ainda que eles sejam inúteis. Mas os homens, eu o creio, não nascem, de nenhum modo, homens... A razão faz o homem." Ela é, pois, a faculdade discriminatória e normativa própria da espécie humana.

Como desenvolver esta faculdade de julgar senão pela instrução, organizada de maneira racional, que desenvolve a inteligência? Compreende-se o conjunto da pedagogia erasmiana a partir dessa exigência de formar seres capazes de julgamento.

Daí a pedagogia do discurso, das exposições metódicas, da reflexão oral e escrita, a fim de desenvolver, ao mesmo tempo, as virtudes do discernimento conceitual e da sabedoria prática. É talvez no âmbito da memória que a exigência racional aparece mais nitidamente na pedagogia erasmiana.

Mesmo o "de cor", imagem clássica e frequentemente falsa do exercício escolar repetitivo e mecânico, não tem nada a ver, para Erasmo, com o hábito inconsciente ou adestramento animal. A memória é da ordem do racional. Também os exercícios devem ser concebidos como exemplos da razão em ação na educação, "ars discendi et docendi", ao mesmo tempo. A memória não é jamais menosprezada por Erasmo, que pensa que ela nunca é inútil. Bem ao contrário, um homem sem memória é ignorante de sua própria humanidade. Além disso, o humanismo como concepção de saber implica a memória viva do passado. É preciso, no entanto, distinguir memória enquanto meio de formação de si mesmo a partir das produções anteriores e rotina repetitiva, conforme ensina Montaigne.

Se o "de cor" é uma etapa necessária em certos domínios inevitáveis, se os procedimentos mnemotécnicos são algumas vezes úteis, eles não constituem a finalidade das aprendizagens, nem mesmo motivo do apelo à memória. É preciso que o saber seja revificado pela experiência presente da criança. Se não, ele se mumifica em fetichização estúpida do passado.

Compreende-se melhor porque um crítico de Erasmo, tão perspicaz como J. C. Margolin, afirma que não há incompatibilidade radical entre o humanismo cristão de De Pueris e a inspiração greco-latina de cuja substância se nutre. Apreende-se o homem na Natureza como ser racional. Sobre este ponto essencial, o pensamento cristão renascente reencontra a antiguidade pagã: "a razão é uma diferença específica do gênero animal"[17]. Aquilo que distingue os humanos dos outros animais, e sem dúvida também de Deus e dos anjos, é a razão, entendida como faculdade de pensar. Somente o uso desta faculdade específica permite aos homens realizar-se como homens. Também a educação, mesmo nas atividades didáticas as mais rotineiras e, na aparência, mais distantes da reflexão racional, implicará na presença da razão. Ascende-se à razão pela razão. Esta é, ao mesmo tempo, o objetivo e o método do "institutio".

Nem anjo que conhece diretamente o bem, nem besta entregue unicamente aos seus instintos, nem Deus cujo intelecto intuitivo conhece em plenitude a totalidade do ser, o homem recebe uma educação da razão pela razão para tornar-se homem. A educação

---

[16] Aristóteles: *Ethique à Nicomaque*. VI, 13, 1144 A1-8. Cícero: *Des lois*. I, 10, 30, onde se encontra retomada a idéia de "logos" como capacidade de combinar idéias, quer dizer, representações das coisas. (NA)

[17] Santo Tomás: *Sentences*: Livre III, question 1, art. 1.

não pode seguir a natureza senão na condição expressa de seguir a razão. E como não se ascende à razão senão pela razão, a educação deve ter uma forma racional.

Mas onde encontrar um modelo de razão? Sobre qual exemplo apoiar-se para propor à educação um tipo ideal de racionalidade e de retidão racional?

A história do pensamento oferece modelos dessa sabedoria, modelos que devem servir de guia ao nosso projeto. Para Erasmo a resposta a esta questão da constituição de um conteúdo de saber racional, capaz de despertar a razão, se encontra na Antiguidade. Esta última fornece, com efeito, tanto na sua forma como no seu conteúdo, não só uma substância à ordem racional como a racionalidade de que a educação tem necessidade.

No seio das nossas questões educativas, esta reatualização da Antiguidade começa a se afirmar pela refutação e a crítica dos modelos pedagógicos e humanos que dominam as práticas em vigor, à época de Erasmo. Ao longo de toda sua obra, Erasmo não cessa de se afastar de uma forma de educação acerca da qual ele testemunha o mais virulento desprezo: procedimentos, mestres, conteúdos, finalidades, resultados, nada agrada aos olhos de Erasmo numa escola de brutos preparando brutalmente as futuras bestas brutas, educação que ele conheceu muito de perto. No Elogio da Loucura ele pinta os mestres com uma forte imagem:

"Eu os vejo sempre famélicos e sórdidos na sua escola; eu disse escola, mas deveria dizer a morada da tristeza, ou melhor ainda a galé ou a cela de torturas. Entre o rebanho de escolares, eles envelhecem de cansaço, ensurdecidos pelos gritos, envenenados pelo fedor e pela imundície, enquanto eu (é a Loucura que fala) permito-lhes a ilusão de se acreditarem os primeiros dos homens. Ah! Como ficam orgulhosos quando aterrorizam, com o olhar e a voz, uma classe trêmula, quando espancam as desditosas crianças com a palmatória, as varas e o chicote; quando, semelhantes ao asno de Cumas, se deixam tomar por todas as formas de cólera!... Mas sua maior felicidade vem da incessante presunção do seu saber. Eles, que enchem a cabeça das crianças de verdadeiras extravagâncias, como se crêem superiores!"[18]

Mesmo que esta passagem vise mais particularmente aos gramáticos (quando de fato, na realidade, nem todas as escolas sejam ameaçadoras pela violência aterradora e estejam satisfeitas com sua nulidade) ela traduz a rejeição ao embrutecimento generalizado da escola. Na sua violência e no esquecimento de apelar à razão do aluno, uma tal escola impede que se instaure, entre os professores e seus alunos, aquele calor confiante sem o qual, como o próprio Erasmo o confessa, não se saberia estabelecer uma relação educativa real. Um mínimo de simpatia recíproca condiciona a eficácia de todo o ensino.

Mas, sobretudo, e isto é mais visível ainda no De Pueris, Erasmo se opõe aos métodos escolares violentos porque eles destroem o acesso ao discernimento. A aprendizagem não poderá ser uma repetição fastidiosa e estéril que apenas apela ao medo. Admiração, emulação, desejo de proporcionar prazer, recompensas, apelo ao orgulho ou à ambição, são procedimentos os mais honoráveis e eficazes, na medida em que convidam a criança a exercitar sua própria reflexão. Ao contrário, o medo, as pancadas, o adestramento mecânico, empregados na transmissão do saber, tornam-na servil.

Erasmo insiste sobre o estado geral de decadência da Universidade ao final da Idade Média. Os professores são cada vez mais fracos e ocultam essa fraqueza sob uma especialização aparente. Sua incultura geral impõe limites estreitos fora dos quais temem perder o pé. Tornados estúpidos pelo abuso do mecanicismo escolástico, impõem, cada vez mais, os procedimentos escolásticos. Como, aquele que se preserva, assim, do risco de pensar, poderá servir de modelo de razão para a criança? Incapazes de dominar os conhecimentos que eles devem sensatamente transmitir, impõem cada vez mais uma rotina tranquilizadora, destruindo assim toda chance das crianças de ascenderem ao racional e à racionalidade; a metodologia toma o lugar do método.

Mas, pergunta-se Erasmo, é preciso saber se a educação tem o papel de fabricar macacos amestrados ou seres capazes de usar desta faculdade específica que é a razão? Vê-se, pois, que aquilo que está em jogo para além da razão não é nada mais que a liberdade. A razão não se ensina mais que a liberdade; ela se revela quando as condições são favoráveis; uma vez revelada, é ela que condiciona a liberdade. Erasmo não tem nenhuma dúvida de que a "institutio" nada tem a ver com o adestramento. Trata-se de conduzir um ser à liberdade pelo despertar da razão: "ac liberaliter". Como os procedimentos do escravo poderão convir?

A LIBERDADE

Onde encontrar elementos para despertar esta atividade libertadora? Se o contato com os autores antigos é o fermento da razão que se desperta, então, é também entre eles que é preciso buscar compreender a liberdade e não mais entre os procedimentos escolásticos. As "humanidades" literárias são o instrumento privilegiado para levar a criança a vislumbrar e alcançar o ideal humano de ser racional e livre.

Mas como se conquista a liberdade, começando-se pela imitação? Não haverá contradição entre a liberdade e a imitação de modelos? A imitação dos Antigos é, frequentemente, mal compreendida :

"Eu não creio que Cícero deva ser seguido, mas, sobretudo, imitado e mesmo igualado. Aquele que segue, marcha sobre as pegadas do outro, tornando-se passivamente dependente; e se diz, com propriedade, que todo aquele que sempre põe seus pés nos passos de outro não pode andar bem... Imitação, ao contrário, não quer dizer as mesmas coisas, mas se refere a coisas semelhantes e algumas vezes não semelhantes, mas equivalentes. O êmulo se esforça para fazer melhor, se pode fazê-lo."[19]

A imitação não sabe permanecer servil; o modelo serve para libertar e não para escravizá-lo a qualquer novo mestre.

Toda liberdade supõe, com efeito, a posse de instrumentos intelectuais que permitem um resultado eficaz. A intimidade com os autores antigos constitui o instrumento, por excelência, contra os estragos de uma pedagogia rotineira e embrutecedora no sentido mais restrito.

---

[18] Erasmo: *Eloge de la folie*, XLIX, p. 59. Flammarion, 1964.
[19] Erasmo: *Ciceronianus*.

A maneira como Erasmo concebe a educação e a instrução é ilustrada perfeitamente pelo seu próprio progresso intelectual. Onde encontra, ele próprio, conteúdo para refletir de maneira positiva sobre as questões escolares, senão na Antiguidade? O conjunto de seu pensamento educativo é iluminado por suas leituras dos grandes educadores antigos: seguramente os autores religiosos, São Paulo, seguidamente citado, Santo Agostinho, do qual ele edita a obra, mas, sobretudo aqueles que se tornarão os clássicos da Antiguidade greco-latina em matéria de questões educativas.

No que tange à primeira educação, Erasmo segue fielmente os conselhos que Plutarco endereça às mães sobre a necessidade do aleitamento materno e da ternura.

Ele os comenta brevemente no De Pueris, mas desenvolve-os em detalhes no colóquio A Parturiente (Puerpera). Este colóquio permite retomar as diversas teorias da alma que se confrontam desde a época de Aristóteles, assim como compreender a prática médica antiga que considera a união plena, no útero materno, do corpo da criança com o corpo da mãe, união esta que exige um atendimento dos mais cuidadosos.

O que importa, finalmente, é que o corpo seja chamado por alguns de invólucro da alma, seu domicílio, seu instrumento, ou sua "harmonia". Em todos os casos, as funções da alma podem ser favorecidas, ou, ao contrário, afetadas pelo corpo. Donde a recomendação de que se atente para a saúde física dos pais no momento da procriação, à saúde da mãe grávida, e, também à saúde das nutrizes. A alma racional é de uma natureza incorruptível em si mesma, mas sua atividade pode ser prejudicada pelos órgãos viciados.

O apelo à autoridade médica de Hipócrates tem, primeiramente, um papel preservador. Se a alma anima o corpo, em contrapartida ela se submete ao seu movimento, ela segue suas inclinações. É preciso, pois, velar para que o corpo esteja bem disposto, e que isto comece muito cedo.

Com Quintiliano, Erasmo insiste sobre o papel formador do jogo (ludus) e do prazer obtido no exercício livre que acompanha as primeiras aprendizagens. Com Horácio, ele refuta a brutalidade dos mestres "amigos dos bofetões". Com Agrícola, convida ao estudo da natureza. Com Xenofonte, defende, contra São Paulo e sua própria desconfiança, sem dúvida espontânea, uma instrução das mulheres que não se limite à inculcação de vagos preceitos morais. Em Diógenes Laércio encontra os exemplos humanos. A lista seria longa. É necessário reportar-se às referências de pé de página do De Pueris para compreender o quanto Erasmo se nutre da Antiguidade e deseja para a criança essa mesma fonte de alimento.

Este mesmo cuidado se encontra no âmbito dos exercícios que conduzirão a criança à disciplina. A Civilidade Pueril, simples manual de boas maneiras, como se diria hoje em dia, ilustra perfeitamente aquilo que pode ser uma educação liberal. Se a disciplina é a condição da liberdade, onde encontrar os modelos para compreender que essas duas noções podem se associar?

Aqui também Erasmo se volta para os Antigos. O cuidado consigo mesmo, com as maneiras em sociedade, com o asseio do corpo, com a decência, com a elegância dos gestos, é muito antigo. Ele é, entre os traços da Antiguidade, o mais elevado e, sem dúvida, o desejo de bem apresentar-se - que repousa sobre o reconhecimento de que o outro nos julga imediatamente em função de nossas atitudes globais - é tão antigo quanto a humanidade. Sócrates regularmente conclamava os seus discípulos à prática das regras da polidez, nos banquetes, e a poesia cavalheiresca pode, com todo direito, reivindicar a honra de divulgar as regras de civilidade no ocidente cristão. Muito apropriadamente, o século XV herda esta "cortesia". J. Burckhardt lembra justamente que os biógrafos da Renascença italiana exaltam a elegância de seus heróis, "sobretudo à mesa".[20] Ele relata alguns hábitos impróprios que Maximiliano Sforza traz da Alemanha, onde tinha sido estudante, e quanto chocava seus compatriotas. Este não trocava jamais de roupa, ao ponto de incomodar seu protetor. Mesmo os cortesãos mais célebres mostraram-se impotentes no esforço de civilizá-lo.

A polidez (politezza em italiano), num sentido amplo, é entendida por Erasmo como simples delicadeza. Ela constitui um elemento no conjunto dos costumes de comportamento que testemunham a atenção ao outro e a si mesmo, na vida social. A civilidade manifesta-se, então, como elemento de perfeição de um indivíduo, elemento de cultura, tanto no âmbito da civilização quanto no do progresso individual, de mais humanidade.

À "barbárie tedesca" de que fala Boccaccio no De Claris Mulieribus se opõe a escola italiana da "polidez", cujas regras são publicadas pelo florentino Giovanni della Casa. Seu "Il Galateo" prescreve os costumes, não somente da polidez no sentido estrito, mas também dos comportamentos que fundamentam a civilidade dos hábitos sociais.

Diante desse passado, Erasmo adota uma atitude original. Ele distingue a sociabilidade positiva - até o detalhe dos diversos costumes locais, a observação particular ao meio, de tal ou qual singularidade histórica, a maneira particular como cada classe social as aplica - daquilo que lhe parece mais essencial: o fato de que a conformidade aos costumes mundanos, ainda que sejam eles particulares, se assenta, de início, sobre o exercício na criança de um sentimento de atenção ao outro e a si.

O detalhe dos costumes, variável ao infinito, remete, entretanto, a uma motivação mais profunda: a polidez do coração. A primeira civilidade consiste em zelar por aquilo que em nossas atitudes, condutas, comportamentos, não ofende as pessoas de quem nos aproximamos. De fato, a gramática social, cuja reconstituição deve-se aos antropólogos, está condicionada, primeiramente, à existência de um sentimento de atenção a si em presença do outro. Este sentimento, ele próprio, é a condição de humanização da criança na sua dimensão social.

É notável como, na Civilidade Pueril, Erasmo se esforça sempre para superar aquilo que as regras têm de afetação, para atender ao cuidado da cordialidade geral. Em "A Instituição do Casamento Cristão" chega a ridicularizar a polidez formal. Ele descreve o ridículo dessas jovens bem educadas, convenientemente capazes de cruzar as mãos e os joelhos, assumindo poses castas, de realizar perfeitamente a reverência, de apertar os lábios para rir com dignidade, de sofrer as mais drásticas privações no decorrer de uma refeição após terem se empanturrado privadamente! Ele

[20] J. Burckhardt: *La Civilization en Italie au temps de la Renaissance*, T2, p. 115.

ironiza uma grande dama que queria que sua filha a chamasse "Senhora minha mãe!", e que, quando chamada por ela, sempre respondesse "Salve vossa graça, Senhora!".

A boa educação consiste, aqui, em dar às crianças, desde que a idade o permita, regras comportamentais de polidez que as tornem suportáveis aos outros, particularmente àqueles que não têm razões familiares de amá-las.

A civilidade, permitindo uma ampla sociabilidade, conduz, por consequência, à humanização progressiva da criança. A polidez possui, pois, um valor moral. Ela é formadora da personalidade. Cara a cara consigo mesmo, ela é a disciplina pela qual o homem domina o animal que ele não cessa jamais de ser.[21] Cara a cara com o outro, ela permite ao indivíduo libertar-se de normas estreitas de seu círculo familiar, para encaminhar-se em direção a uma humanização mais ampla.[22]

Contra a idéia comum de que a civilidade se reduz à hipocrisia ou a um adestramento anti-natural, Erasmo responde sempre com a mesma fórmula: "não se nasce homem, mas se vem a sê-lo, pela educação". Que a falsidade pode, algumas vezes, tomar a máscara da polidez, Erasmo o sabe melhor que qualquer outro, ele que foi secretário de Cardeal e Embaixador! Mas esta observação refere-se à hipocrisia, não à polidez. Quando se crê que a criança é maltratada na sua natureza pelas regras de polidez que os adultos lhe incutem, passa-se ao largo do fato de que a auto-disciplina é o único exercício de que dispomos para transformar as emoções imediatas, mal polidas, em sentimentos reconhecíveis e compartilhados pelos outros. A educação da Natureza e do Exercício contém a mesma finalidade que a da Razão. Nos três casos, o que o mestre deve ter em vista é a liberdade futura de seu discípulo, liberdade que coroa o uso autônomo da reflexão crítica. Mas, ainda um sério problema se põe: como conciliar esta urgência de uma educação precoce em vista da Razão, da qual fala com insistência o De Pueris, com às aspirações por sua vez anti-educativas e anti-racionais desenvolvidas no Elogio da Loucura?

Neste último texto, efetivamente, Erasmo opõe a razão à vida, a aridez do pensamento adulto à espontaneidade e à graça natural da infância. Como pode se propor o vir a ser do homem pela sabedoria racional e a disciplina da razão, se a ignorância e a loucura são as garantias reais da sabedoria autêntica? A questão é tanto mais crucial porquanto são abundantes os textos sobre a obra erasmiana que vão no sentido de uma interpretação romântica de sua obra educativa.

A SABEDORIA

Após os temas da "Loucura", deve-se admitir que a primeira idade da vida é a mais alegre e agradável, porque mais distante da triste razão desvairada:

"Se nós amamos as crianças, suas carícias, se o próprio inimigo lhes presta socorro, não é porque há nelas a sedução da loucura? A prudente Natureza muniu os recém-nascidos para que eles recompensem em agrado aqueles que os educam e os têm a seu cuidado. A esta idade sucede a juventude. É com plena alegria que se lhe dispensam carinhos, estímulos, e todas as mãos tendem para ela. De onde vem essa sedução das crianças, senão de mim que as dispenso da razão e por consequência encorajo-as à travessura? Estou mentindo? Quando crescem, elas aprendem e tomam a face da vida, sua graça fenece, sua vivacidade enlanguece, sua alegria esfria, seu vigor se enfraquece. À medida em que o homem se afasta de mim, vive menos e menos. Enfim eis a importuna velhice!"[23]

E ainda:

"Se os mortais decidem romper com a sabedoria e põem-se a viver sem cessar comigo, em lugar de envelhecer eles conhecem a alegria de ser sempre jovens. Observem as pessoas sombrias, empenhadas na filosofia ou nas dificuldades dos deveres, a maior parte envelhece antes de ter tido a sua juventude, porque os cuidados e a tensão contínua do pensamento vão progressivamente sugando-lhes o sopro e a seiva da vida."[24]

A ignorância, a ilusão, a irracionalidade não fazem, pois, a desgraça dos homens: ao contrário, e os filósofos têm injustamente reclamado contra a ignorância imbecil, o erro, a opinião ou a loucura. Viver na ilusão não é ser desnaturado, é ser homem conformado a uma inclinação natural que conduz à beatitude. O Elogio da Loucura, no seu conjunto, é um compêndio de todas as ilusões necessárias à vida.

A sabedoria verdadeira, sob os traços da Loucura, não convida a desenvolver pela educação o uso de uma razão desmistificadora, mas a seguir os desejos falaciosos, reconhecendo-lhes uma natural necessidade. Sem as ilusões, a vida dos homens seria impossível, porque insuportável.

Daí a condenação reiterada das ciências, de Pallas, de Teuth, ou seja, de todo pensamento lúcido que se infiltra entre os desejos reais dos homens e as construções ilusórias que eles criam para esconder a cruedade da vida. Segundo a Loucura, a idade de ouro da raça humana corresponderia à época da vida guiada pelos instintos naturais, ocultada sob a proteção das ideologias reconfortantes. Gramática, retórica, dialética, ciências, teologia e filosofia são, pois, condenáveis. "Crede que entre todas as demais espécies animais, aquelas que vivem no seu [25]próprio meio, que não têm para as instruir senão a Natureza, são as menos educadas? O que há de mais feliz, mais admirável que as abelhas?"[26] A educação, afastando-nos da animalidade e da estupidez, é nefasta. "As ciências têm imposto outros flagelos à humanidade; elas provêm dos autores do mal, quer dizer, dos demônios, cujo nome, em grego, significa sábios[27]."

Enfim, para erradicar completamente a convicção de seu leitor, Erasmo nos traça o retrato do sábio.

---

[21] Kant lembra esta virtude da disciplina no seu *Tratado de Pedagogia*. Cf. Paul Moreau: a *Education morale chez Kant*, Cerf. 1988. P. 18 e seguintes. (NA).

[22] Alain retoma este tema no seu *Propos*, 24 déc. 1921. Gallimard, p. 447-448. (NA).

[23] *Eloge de la Folie, XII, p. 23, Flammarion, 1964.*

[24] Id., p. 25.

[25] *Eloge de la Folie:* XXXIV, p.42.

[26] *Eloge de la Folie*: XXXIV, p. 42.

[27] Id.: p. 41. "Daêmones", de "daênai": "saber". Cf Platão, *Cratyle*, 396, b. (NA)

"Tomai o modelo do sábio, aquele que consumiu sua infância e sua juventude no estudo das ciências, perdeu sua mais bela idade em vigílias, cuidados, labores sem fim, e pelo resto de sua vida está privado do menor prazer; ele foi sempre parcimonioso, oprimido, taciturno, severo e duro para consigo mesmo, inoportuno e insuportável para os outros; pálido, magro, combalido, remelento, agastado pela vigília, precocemente calvo, predestinado a uma morte prematura. Que importa, ademais, que ele morra, posto que jamais viveu?"[28]

Estes textos parecem em completo desacordo com as teses do De Pueris. Eles afirmam explicitamente que a verdadeira sabedoria consiste em tornar-se estúpido, que o saber empobrece a verdadeira vida. É preciso, então, negar toda sabedoria? Educação e instrução devem ser deliberadamente abandonadas como antinaturais? É preciso "preferir a condição de louco"[29] à de sábio?

Uma primeira dúvida se instala quanto à seriedade de Erasmo logo que ele afirma, aos "toques" e aos "timbres", uma verdadeira sabedoria. O exagero testemunha uma intenção polêmica. Da mesma forma, a escolha exemplar de pretensos sábios: "Nada, em resumo, desses milhões de cuidados de que a vida é feita, os atormenta. Eles ignoram a incerteza, o medo, a ambição, o desejo, o amor e, mesmo se eles retornam à inconsciência das bestas, os teólogos asseguram que eles são sem pecados."[30]

Singular, fantasiosa e estranha garantia quando se sabe a desconfiança que Erasmo manifesta acerca dos teólogos, ao longo de sua obra e de sua vida.

Como ignorar que aqui Erasmo se exprime por antífrase? Quando a descrição é levada a este grau de paródia, indica que nem o saber (precisa-se muito para apreender os discursos da Loucura), nem a razão (melhor do que esta Loucura que se atribui mais a Thomas Morus[31] que aos furiosos[32]), nem a sabedoria (uma verdadeira sabedoria prática como aquela que propõe a loucura) não são realmente visados.

De fato, os discursos da Loucura não visam a razão, o conhecimento ou a sabedoria, mas sua caricatura, quando aqueles que os encarnam exageram-no até o antinatural. É preciso desconfiar dos falsos sábios que constrangem a razão a um dogmatismo imbecil: os filósofos orgulhosos, estes frades moralistas, três vezes santo-pontífices, reis cobertos de purpurina verdadeira, sábios que crêem tudo saber, ou seja, aqueles que fazem da razão, não uma instância crítica, mas um instrumento do fanatismo acabado.

Ao longo dos trinta capítulos do Elogio da Loucura Erasmo denuncia os tediosos imbecis, incapazes de pôr em prática os princípios que professam, os que se auto proclamam sábios, que se mostram inaptos a reconhecer que a natureza não se deixa facilmente contrariar. A Loucura não denuncia a Sabedoria, mas os homens que, pretendendo encarná-la, traem-na à força do dogmatismo.

Ela nos convida a ceder às doces ilusões capazes de liberar a alma de seus penosos cuidados. Não é ela, ainda, que nos convida a apreciar as "diversas formas de volúpia"[33]? É preciso aceitá-la como é, saber ser convencido e convencer-se, se necessário, dela mesma.

"Quem não amaria mais a alguém, tomado ao acaso dentre a massa dos loucos mais qualificados, aquele igualmente capaz de comandá-los ou a eles obedecer; que soubesse agradar a seus semelhantes, ou seja, à multidão; que fosse amável com sua mulher, generoso para com seus amigos, bom garfo à mesa, companheiro de fácil convivência; um homem, enfim, para quem nada do que é humano fosse estranho?"[34].

A lição de Erasmo esclarece: para ser verdadeiramente racional e culto, é preciso romper com a falsa sabedoria pomposa dos imbecis que confundem o dogma com a razão, os costumes com a cultura. Começa-se a trilhar o caminho da verdadeira sabedoria começando-se por aceitar a própria loucura, com seu cortejo de ilusões e suas limitações: "Eu vou demonstrar que esta sabedoria perfeita que se diz a cidadela da felicidade não é acessível senão pela loucura."[35]

A sabedoria, fim último de toda educação, deve começar por uma conversão intelectual. É preciso começar por quebrar o ídolo do falso sábio. Quem é ele? O arremedo de sábio, "um monstro fechado às paixões, aos sentimentos naturais, incapaz de emoção, estranho ao amor e à piedade,... ser ao qual nada escapa e que jamais se perde... que mede tudo em uma única direção, que não perdoa nenhuma falta, que não está contente senão consigo mesmo... é o único livre, se declara único em tudo, não tendo necessidade de amigo e não sendo amigo de ninguém,.. não se encontra nele nenhum dos atos humanos, aos quais ele julga insensatos, censura e zomba! Eis aí o animal que corresponde com perfeição ao sábio."[36]

O falso sábio é aquele que crê possível e desejável renegar a parte da sensibilidade natural no homem, porque a razão se opõe ao amor e aos sentimentos em geral.

O sábio autêntico, é aquele que reconhece e aceita suas limitações, quer dizer, a natureza complexa e degradada do homem. O verdadeiro sábio não nega as paixões e as ilusões - elas são inevitáveis e sem elas a vida seria insuportável, como se viu mais acima -, tenta compreender-lhes o sentido e suportá-las. A ilusões são necessárias. Isto é verdadeiro na amizade (p.30), no amor (p. 31), na política (p.35) e na própria religião: "O povo não suportaria por muito tempo seu príncipe; o valete, seu mestre; a discípula, sua mestra; o aluno, seu preceptor; o empregado, seu patrão... se eles não se mantivessem um ao outro na ilusão, se não houvesse entre eles um logro recíproco, lisonja, prudente conivência, enfim a troca lenitiva do mel da Loucura."[37]

Sem ilusões e sem paixão, "suprime-se o próprio homem"[38]. O sábio estóico comandando a paixão e os benefícios das ilusões "fabrica um ídolo que não exis-

---

[28] Id.: p. 46.
[29] Id.: p. 55.
[30] Id.: p. 44.
[31] Morus sugere Moria, como Erasmo o chama, com humor, no prefácio (do Elogio da Loucura). (NA).
[32] *Eloge de la Folie*, p. 46, que distingue a Loucura doce, feita de ilusões, da loucura furiosa, nociva perigosa. (NA).
[33] Id.: p. 46.
[34] Id.: p. 38-39.
[35] Id.: p. 38.
[36] Ibid.
[37] Id.: p. 31.
[38] Id.: p. 38.

te em nenhuma parte e jamais existirá"[39]. Por que, então, senão de maneira absurda, propor à ação educativa uma finalidade impossível de atender? Sobretudo, insiste Erasmo, por que propor um modelo de homem que seja, desde o início, privado de todo sentimento humano?

A paixão não é uma doença, a ilusão não é somente negativa. Elas existem em nós como estimulantes essenciais da ação. Negando-as, quebrando-as, quebra-se o móvel da própria vida. O verdadeiro sábio não as nega: ele aprende a cultivá-las, para tentar dar-lhes vazão. Em qualquer circunstância reconhece-lhes a presença inevitável. Este reconhecimento pode ser o único meio racional para tentar controlar seus efeitos excessivos.

Para não ser enganado por suas ilusões, tanto como por suas paixões, Erasmo nos alerta que o fato de as denunciar, como Platão na alegoria da caverna, é insuficiente[40]. É preciso desvendar-lhes a função. A verdadeira razão não se separa da sensibilidade, ela tenta compreendê-la; não denuncia a ilusão, reconhece-lhe o sentido e os limites.

Apresentam-se, ainda, três níveis, na exposição que Erasmo nos propõe, do caminho para a Sabedoria, e não mais duas possibilidades somente. Não há lugar para opor a vida à ciência, a sabedoria à paixão, o saber à imbecilidade, a razão à ilusão, como parecia de início. Elas se ordenam numa escala que define a boa educação.

- Um primeiro nível poderia ser definido como aquele dos que vivem inteiramente na imediatez bestial. Aquartelado no plano das paixões espontâneas, das ilusões não reconhecidas como ilusões, onde se vive a bonomia do imbecil feliz. É o domínio que o De pueris denuncia como aquele da bestialidade animal. A razão não aflora além da auto-disciplina.

- O segundo nível poderia se definir como aquele do pseudo-sábio, que descobre que as ilusões são embustes, compreensíveis a partir de um saber superior. Na ingenuidade dogmática, seu projeto é destruir os ídolos, negar as ilusões em nome de uma sabedoria inteiramente ilusória, investir com paixão contra as paixões.

É o estado pontificante e dogmático do pedagogo vaidoso cuja denúncia das ilusões, de que ele não percebe os limites, é ainda mais ilusória. Ao pedagogo dogmático do fim do De Pueris, corresponde o teólogo do Elogio da Loucura.

- Enfim, o último nível, que dá a chave do conjunto da sabedoria erasmiana, que se apresenta como aquele do filósofo, que antes de cair na ilusão última da transparência absoluta, tarefa ilusória, toma consciência da necessidade das ilusões e das paixões e, sobretudo, percebe os limites da razão. Aqui, o saber da razão não é mais dogmático, mas consciente de seus limites, crítico de seu próprio entendimento. É somente em função deste caráter crítico que a razão pode tentar ser reguladora das condutas.

A tarefa verdadeira da razão não é conduzir ao dogmatismo ou ao fanatismo, mas de manter, com a natureza e ela própria, uma atitude prudente. Para Erasmo, se a verdadeira natureza (natureza desenvolvida pela educação) zomba da natureza (bruta), se a verdadeira sabedoria (irônica e aberta) zomba do saber sentencioso (fanático), então, a verdadeira razão (crítica e reflexiva) zomba do racionalista dogmático. O Elogio da Loucura não contradiz em nada o De Pueris. Ele, ao contrário, o esclarece quanto ao modelo de sabedoria racional que é preciso determinar para a ação educativa. Um pouco de razão desviada da sabedoria, ou muita, reconduzida à sabedoria, sobretudo quando acompanhada de uma reflexão sobre a natureza e seus limites, toma consciência de seu poder verdadeiro.

É possível, a propósito do livre arbítrio, que esta oposição entre o dogmatismo de uma razão absoluta e a prudência crítica de uma razão reflexiva se apresente em toda sua clareza.

O LIVRE ARBÍTRIO

Ainda que de origem teológica, a querela do livre arbítrio que opõe Erasmo a Lutero não deixa de ser uma questão pedagógica. Qual é a parte de liberdade deixada ao homem, se Deus é todo-poderoso? Como conciliar o caráter absoluto do poder divino com a ação humana? Como pode ser de utilidade qualquer educação se Deus é onipotente?

Para Lutero, que segue, não sem dogmatismo, a severa doutrina agostiniana da predestinação, o homem está inteiramente sob o poder de Deus. Cada um de seus atos, de suas vontades, é conhecido e querido por Deus, desde sempre, determinado desde toda a eternidade. Nenhuma boa ação, nenhum arrependimento pode resgatar a pessoa condenada. Não cabe, senão à graça divina, decidir o nosso destino terrestre e celeste. O homem não tem poder para nenhum franco-arbítrio, porque nenhum livre-arbítrio é compatível com a idéia do todo-poderoso.

Esta teoria conduz, Erasmo logo vê, ao fatalismo. Do ponto de vista prático, ela se choca frontalmente com a idéia de liberdade, sob a qual se apóia o humanismo erasmiano. Todos os fatos, quaisquer que sejam, são eles aceitáveis porque divinos? A criação natural não contém alguma falha que permita a eficácia própria da ação humana? A integridade de uma essência pensada e querida por Deus condiciona nossa existência?

Erasmo não aceita uma tal maneira de conceber, diante da fé, o homem e a natureza. Um fatalismo, assim tão rígido, se opõe à convicção de que o indivíduo é o artífice de sua própria humanização e que a humanidade inteira pode, por sua própria ação, elevar-se intelectual e moralmente à dignidade humana.

Por que se instruir, por que se educar, se o esforço está condenado à ineficácia? Por que aprender e fazer o bem? Se sou predestinado ao mal, eu não poderia pecar ao ceder a um tal destino. Enfim, esta interpretação luterana da doutrina agostiniana confronta o editor de Santo Agostinho, que foi, indiretamente, Erasmo. No seu Ensaio sobre o Livre Arbítrio, ele apresenta lucidamente o problema: se se conhece um Deus tão tirano que não deixa nenhuma liberdade ao homem, então a educação é inútil, porque vã. Seu resultado é dado pelo progresso. Para que a educação possa ter um sentido, é preciso que a ação própria do homem sobre ele próprio tenha uma parte de eficácia possível.

A estratégia inicial da argumentação de Erasmo consiste, então, em utilizar as mesmas passagens das Escrituras que Lutero, e voltá-las contra este último. Constatando que as Santas Escrituras não aprofundam

[39] Ibid.
[40] Id.: p. 55.

as questões filosóficas, Erasmo censura o "non nihil" de Lutero como muito radical. Sendo Deus todo-poderoso, quererá ele a queda do homem? Entretanto, que origem poder-se-ia "conferir ao mérito, num mundo onde o homem seria enfraquecido por esta perpétua necessidade e onde a liberdade desejada não pudesse jamais intervir?"[41]

A liberdade pode ser não mais que a ilusão resultante da ignorância dos motivos divinos que governam nossos atos. De qualquer modo, ela parece preferível à afirmação, igualmente ilusória, de um fatalismo que conduz ao fanatismo. Qual é o homem que pode pedir contas a Deus? Sendo Deus infinito, não saberia operar através do nosso conhecimento - finito por essência - mas somente por amor. Erasmo vai, inclusive, fazer do amor o único preceito possível do Evangelho[42]. Ele insiste, pois, sobre a ambiguidade da argumentação de Lutero: se tudo depende, como pretente este último, da graça divina, tanto as ações boas como as maléficas são indiferentes a Deus e, pois, indiscerníveis em valor. Não somente fazer o bem não teria nenhum sentido, mas "fazer" não significa nada. Por que, neste caso, pregar a revolta? Por que provocar um cisma?

A segunda estratégia de Erasmo consiste em voltar contra Lutero um Santo Agostinho menos dogmático que aquele no qual se apóia precisamente o monge agostiniano de Erfurt. Que sentido teria a vida dos homens se Deus agisse sobre eles como o oleiro sobre a argila? Existe, no homem, ao lado da vontade de Deus, uma vontade livre, cujo órgão é a razão, e que lhe permite quer buscar a perfeição, quer escolher o mal. Esta vontade, dócil, flexível em todos os sentidos, mesmo contra Deus, chama-se livre arbítrio[43]. O homem é, pois, livre, pela vontade de Deus, de escolher contra Deus.[44]

Existe uma liberdade para o mal, que nos faz responsáveis por nossos atos. Torna-se, assim, impossível, negar o mérito pessoal, e Erasmo recorda a Lutero, apropriadamente, que o próprio Santo Agostinho atribuía ao homem a responsabilidade de seu próprio orgulho. J. C. Margolin vê claramente que é esta a questão do debate no plano metafísico: "é o homem erasmiano que faz sua religião. Ele a faz na medida em que lhe acrescenta um desenvolvimento livre e pessoal, como a leitura do Evangelho ou das Epístolas de São Paulo. Ao contrário, a manutenção de práticas tradicionais o reduz a um papel passivo que o humanismo cristão sempre combateu com ironia, sarcasmo ou cólera: ela operava, não opera mais"[45].

A filosofia de Erasmo não comporta a incompatibilidade entre a aspiração religiosa - que não cessa de guiá-la - e a filosofia individualista da liberdade da razão que ele toma da Antiguidade. O ideal humano que marca a educação é a fé humanista e cristã.

Erasmo não é nenhum incrédulo dissimulado[46], nem um reformista que quer instalar na surdina as teorias heréticas, nem um teólogo fiel à Igreja oficial; é um humanista que preconiza um retorno autêntico aos textos[47]. Somente a leitura da Bíblia permite retomar a verdadeira face da religião, assim como a leitura dos textos antigos permite aproximar-se dos ideais educativos, dignos de esclarecer a razão.

Daí sua desconfiança diante das seitas, da superstição, do fanatismo, dos dogmas: ou seja, de tudo o que incita a uma veneração cega que não tem nada a ver com o respeito. A verdadeira religião liga-se à sabedoria na idéia de liberdade da razão. "Nulli concedo" repete Erasmo. "Não concedo a ninguém" porque minha razão não tem outro limite, senão o de sua própria natureza. A este respeito, se Erasmo está de acordo com Lutero ao propor o "livre exame" dos textos sagrados, ele se distingue deste por um traço essencial. Quando alguém se propõe a dar uma interpretação diferente da de Lutero, este último mal consegue conter seu temperamento impetuoso de inquisidor, que o impulsiona ao insulto e ao anátema. Atitude refutada por Erasmo. Tanto quanto ele refuta a hierarquia eclesiástica, as insígnias, as certezas dos teólogos e o hábito dos homens de Deus. Ele nos lembra que à força de observar os ritos e a Lei, os Judeus acabaram por negligenciar os deveres para com Deus e os homens.[48] Quanto à Igreja de Roma, ela se tornou um "cárcere de abatinados e de hipócritas tonsurados".

Em relação a Deus, Erasmo deixa, pois, ao homem, esta mesma porção de liberdade que já se manifestara no âmbito da Natureza. No que se refere à divindade todo-poderosa, tanto como nos seus vínculos com o determinismo natural, o homem conserva, não uma independência total, o que seria absurdo (o homem não nasce sobrenatural nem exterior à ordem da criação), mas uma parte essencial de responsabilidade nas suas escolhas.

Vê-se que o homem, segundo Erasmo, é o único animal da natureza que se incumbe de realizar sua natureza. É precisamente neste espaço, nesta brecha, que a educação aparece como uma ligação necessária. O homem é o fim da educação, e esta educação está em suas mãos.

Mas é também o único ser da criação cuja liberdade pode se afirmar contra o próprio criador: tanto pode afastar-se como escolher aproximar-se. Aqui, ainda, é à educação que cabe suprimir a distância. Ao homem cabe a escolha de tender para a humanidade ou para a animalidade. Como poderia ser ele a "imagem de Deus", se não possuísse este quinhão de liberdade de escolha, imagem, guardadas as proporções, da absoluta e total espontaneidade de Deus.

Não há, pois, conflito, menos ainda contradição, entre a filosofia da natureza e a filosofia da religião no sistema de Erasmo. O lugar importante, para não se dizer central, que ele reserva à educação, repousa sobre a teoria da liberdade, que ambas implicam.

O homem não obedece nem a uma espontaneidade absoluta nem a um fatalismo cego. Animal e racional, ao mesmo tempo, ele participa de sua aventura e responde pela sua humanização. Tal é a lição do De Pueris. Aqueles que vituperaram contra a razão fazem a guerra contra a fé na natureza humana e contra a vontade de Deus.[49] A educação, tarefa essencialmente humanizante, não tem outro limite que aquele desconhecido da inteligência crítica dos homens.

---

[41] *Essai sur le libre arbitre*. III. A6, p. 126.
[42] *Manuel du soldat chrétien*. In Pineau: *Erasme*, p. 126.
[43] *Essai sur le libre arbitre*. Traduc. Mesnard, p. 142.
[44] Saint Augustin: *Du libre arbitre* II. 19. *Cité de Dieu*. XIV, 3. Ver também *De Magistro*, Klincksieck, 1988, introdução, p. 21.
[45] J. C. Margolin: *Erasme*, le Seuil, 1967, p. 76.
[46] Lutero: *De servo arbitrio*, onde Erasmo é tratado como ateu e pirronista. (NA)
[47] C. Bené: *Erasme et Saint Augustin*, Droz. 1969. Obra esclarecedora para quem estuda os débitos de Erasmo a S. Agostinho. (NA)
[48] Erasmo: *Coloques*. Vol II, p. 115.
[49] O *Banquet religieux* lembra o espírito humano pelo qual nós podemos nos governar a nós mesmos, guiados por um "mestre interior" do qual fala Santo Agostinho, e que não é outra coisa que a presença do divino em nós. (NA)